

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARGARIDA MESSIANO DOS SANTOS

**VIDA MARGARIDA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA E A RELAÇÃO COM O
CONHECIMENTO**

FLORIANÓPOLIS

2023

MARGARIDA MESSIANO DOS SANTOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Furlan Carcaioli

FLORIANÓPOLIS

2023

Santos, Margarida Messiano dos
VIDA MARGARIDA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA E A RELAÇÃO
COM O CONHECIMENTO /Margarida Messiano dos Santos ;
orientadora, . Gabriela Furlan Carcaioli, 2023.
54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, ,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. . 2. Educação . 3. Agroecologia. 4. Conhecimento
Ancestral. I. Carcaioli, . Gabriela Furlan. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. . III. Título.

VIDA MARGARIDA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA E A RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Florianópolis, 21 de março de 2023.

Profa. Dra. Beatriz Bittencourt Collere Hanff
Coordenadora do Curso

Banca examinadora

Profa.Dra. Gabriela Furlan Carcaioli
Orientadora

Profa.Dra. Carolina Orquiza Chermem
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa.Dra. Graziela Del Mônico
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa.Dra. Beatriz Bittencourt Collere Hanff
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2023.

Dedicatória

Dedico este texto e minha formação à memória de minha mãe, falecida em 2020. Ela foi minha inspiração para querer saber mais sobre tudo. Foi com ela que aprendi sobre as plantas e seu uso medicinal. Além disso, sou a primeira filha a se formar no ensino superior e tenho certeza que se ela estivesse aqui, faria muito gosto de estar presente na minha formatura.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por eu poder enxergar e cuidar de sua criação contida na natureza, e ao mesmo tempo uma imensa gratidão pelo retorno através de saúde e discernimento para eu continuar os estudos.

Agradeço também aos meus filhos: Edgar, Marina, Mayra e Eloy como exemplos de incentivo e conquista. Agradeço ao apoio desde o início da minha vida acadêmica, contribuindo com tempo para me orientar e ajudar a compreender e manusear o computador para fazer os envios dos trabalhos e tarefas aos meus professores da UFSC.

Gratidão também a todos os professores e professoras do curso de Licenciatura em Educação do Campo, também à minha orientadora de TCC e coordenadoras do curso. Todos sempre tiveram paciência nas horas difíceis da minha caminhada universitária e contribuíram com suas experiências e dedicação ao longo da minha jornada.

Também agradeço a todas e todos os meus colegas e conhecidos, que me apoiaram de todas as formas para que eu voltasse a estudar para adquirir mais conhecimentos e um dia poder sonhar com um diploma.

Além disso, todas as pessoas que passaram pela minha formação nesses anos, me ajudaram a valorizar os conhecimentos que já possuo e me incentivaram a buscar e compreender o conhecimento científico. Por isso, considero que todas essas pessoas fizeram e fazem parte da minha história. Muito obrigada!

Resumo

Este trabalho, desenvolvido no âmbito da formação de professores para o ensino de Ciências e Matemática, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tem como tema central a inter-relação entre os saberes populares e os científicos, a partir da história de vida da autora deste trabalho. A proposta deste estudo surge do interesse em compartilhar os conhecimentos em torno das plantas medicinais, tema que foi conteúdo da formação da autora do trabalho ao longo do curso, sobretudo nas aulas de fundamentos de ciências da natureza e matemática, em que aprende-se química e biologia voltada para a realidade dos sujeitos do campo. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é apresentar narrativas de histórias de vida da autora, com ênfase em suas memórias e experiências sobre as plantas medicinais e, a partir disso, dialogar sobre a inter-relação entre os saberes populares e conhecimentos científicos. Entre as principais conclusões do trabalho destacam-se: revelar a riqueza que a inter-relação entre saberes e populares e científicos pode proporcionar para a saúde das pessoas e para o meio ambiente; fortalecer a importância do trabalho com as plantas medicinais para as comunidades periféricas e para a educação do campo, sobretudo nos espaços escolares; evidenciar a importância do registro dos saberes populares por meio da pesquisa científica.

Palavras-chave: inter-relação entre saberes; conhecimento científico; narrativas

ABSTRACT

This work, developed within the scope of training teachers for teaching Science and Mathematics, of the Degree Course in Field Education, at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), has as its central theme the interrelationship between popular knowledge and the scientific ones, based on the life story of the author of this work. The purpose of this study arises from the interest in sharing knowledge about medicinal plants, a theme that was the subject of the author's training throughout the course, especially in classes on the fundamentals of natural sciences and mathematics, in which chemistry is learned. and biology focused on the reality of rural subjects. In view of the above, the objective of this work is to present narratives of the author's life stories, with emphasis on her memories and experiences with medicinal plants and, from this, to dialogue about the interrelationship between popular knowledge and scientific knowledge. Among the main conclusions of the work are: revealing the richness that the interrelationship between popular and scientific knowledge can provide for people's health and for the environment; strengthen the importance of working with medicinal plants for peripheral communities and for rural education, especially in school spaces; highlight the importance of registering popular knowledge through scientific research.

Keywords: interrelationship between knowledge scientific knowledge; narratives.

Sumário

1 Introdução	10
1.1 Motivação para realizar a pesquisa	11
2 Problemática, objetivos e metodologia	13
3 Vida Margarida: narrativas de histórias de vida e a relação com o conhecimento	14
3.1 Narrativa 1: O conhecimento sobre as plantas medicinais	14
3.2 Narrativa 2: Relação com a Terra e Agrofloresta numa comunidade periférica	16
3.3 Narrativa 3: Chegada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo	21
4 O conhecimento popular e científico: uma inter-relação possível	24
5 Considerações Finais	28
REFERÊNCIAS	31
Anexo 1	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, desenvolvido no âmbito da formação de professores para o ensino de Ciências e Matemática, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tem como tema central a inter-relação entre os saberes populares e os científicos, a partir da história de vida da autora deste trabalho.

A proposta deste estudo surge do interesse em compartilhar os conhecimentos em torno das plantas medicinais, tema que foi conteúdo da minha formação ao longo do curso, sobretudo nas aulas de fundamentos de ciências da natureza e matemática, em que aprendemos química e biologia voltada para a realidade dos sujeitos do campo.

Sou estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, mãe e moradora de comunidade periférica há mais de 20 anos e atuo como cultivadora de plantas de várias espécies mantendo uma agrofloresta no bairro Monte Cristo, no município de Florianópolis SC, a qual é destinada para o uso coletivo dos moradores da comunidade. Com essa plantação as pessoas se beneficiam das folhas e frutos, mas percebi que ainda há uma necessidade de ampliar os conhecimentos em torno do uso das plantas medicinais para a nossa saúde, especialmente sobre algumas espécies. Nessa direção, destaca-se a necessidade de realização de trabalhos educativos que possam explorar esse conhecimento, relacionando os saberes científicos e populares nos espaços escolarizados.

Sabemos que foi através dos estudos das plantas que a medicina evoluiu ao longo da história. Por isso é interessante resgatar os conhecimentos, costumes e aprendizados populares, com as ervas medicinais, para poder ter o entendimento e o conhecimento sobre como cultivar e fazer o uso adequado dessas plantas. Sabe-se que um grande número de pessoas no mundo cultiva plantas medicinais, mas nem todas as pessoas conhecem o nome das plantas e nem pra que elas servem, especialmente nas regiões urbanas, onde o tempo da vida cotidiana não nos permite parar para observar, conversar e aprender sobre isso. Conhecer e entender os

benefícios e malefícios das ervas pode auxiliar na saúde das pessoas, por isso é tão importante estudar sobre as plantas e unir os conhecimentos científicos e populares para fazermos um melhor e mais seguro uso dos medicamentos fitoterápicos.

Algumas plantas medicinais possuem princípios ativos com potencial de efeitos tão profundos quanto qualquer medicação alopática, sendo capaz de causar efeitos como qualquer outro fármaco, podendo até gerar complicações para a saúde e trazer sérios agravantes para o organismo, por isso a união de conhecimentos é tão necessária.

A busca de soluções na flora medicinal, é de fácil acesso e baixo custo, sendo um hábito diário, o que possibilita que muitas pessoas façam uso das plantas medicinais, sendo um conhecimento passado de geração a geração, dentro das comunidades e envolvendo, muitas vezes, questões místicas e religiosas. Porém, são necessárias pesquisas que realcem os patrimônios culturais e também que possibilitem implementar estudos sobre o uso das ervas medicinais e produção de medicamentos fitoterápicos a partir dos conhecimentos das populações.

Nessa perspectiva de investigação, destaca-se também a importância de abordar essa temática no âmbito de sala de aula e nos espaços escolarizados de modo geral, trabalhando aspectos da saúde voltada para autonomia e cuidado do corpo e do ambiente, considerando as relações entre o saber científico e o popular, onde um contribui com o outro, se misturam e produzem algo novo, bonito, que dá sentido às práticas pedagógicas, em especial na Educação do Campo.

1.1 MOTIVAÇÃO PARA REALIZAR A PESQUISA

A pesquisa a partir de narrativas e história de vida é a principal motivação deste trabalho, visto que a riqueza do conhecimento popular transmitido de gerações em gerações e presente nas comunidades periféricas é o que me moveu para chegar na Universidade e ter o desejo de ampliar esses saberes através do conhecimento científico, podendo ainda, transmitir esses novos conhecimentos para mais pessoas de minha comunidade.

Somado a isto, a pesquisa com as plantas medicinais é uma motivação que vem de longa data e que traz a curiosidade em aprender e a conhecer a

Biodiversidade do nosso planeta. O tema da pesquisa é relevante e está relacionado à importância de expandir os saberes em montagem de hortas, manuseios das plantas, na identificação dos benefícios de que cada uma traz, promover trocas de conhecimentos dos ancestrais com os conhecimentos atuais, entre outras. Além disso, as plantas medicinais também estão relacionadas à saúde do corpo, do espírito, do ambiente; nos conecta e não nos separa da natureza.

Trabalhar a temática das Plantas Medicinais favorece as trocas de saberes e também a interdisciplinaridade, aspectos que enriquecem o conhecimento nas mais diversas áreas. Além disso, destaca-se a necessidade de organizar e registrar os saberes ancestrais, para que eles não se percam em outros tempos e espaços da vida moderna. Um material sistematizado contribui e vira fonte de pesquisa, intervenção e ações nas escolas e nas comunidades, sendo possível também repensar outras formas de intervenção na realidade e mobilização dos conhecimentos e conceitos das diversas ciências no contexto escolar, como vim aprendendo ao longo da minha formação na Licenciatura em Educação do Campo.

O uso de plantas medicinais se dá pelo acúmulo de conhecimentos milenares. A transmissão e aprendizagem desses conhecimentos vem sendo realizado pela prática e necessidade das populações ao longo da vida. Esse movimento acontece de diversas formas, seja através de transmissão entre gerações no núcleo familiar, na comunidade, em grande parte de modo narrado, com poucos registros escritos, e também misturando-se às questões místicas e religiosas de determinado grupo. Em muitas culturas, a figura da mulher tem um papel fundamental na manutenção e transmissão desses conhecimentos, uma vez que cabe a ela o papel do cuidado da família e da comunidade. A escolha dessa temática para a pesquisadora se dá pelo fato dessas práticas complementares já estarem inseridas em seu cotidiano, aprendidas ao longo de sua vida e garantindo o cuidado do corpo e do espírito seu, de sua família e procurando garantir o mesmo às pessoas pelos locais por onde já passou.

Por fim, destaca-se a importância de realizar a pesquisa sobre essa temática em um contexto específico, da pandemia da COVID-19, pois o conhecimento sobre as plantas medicinais significa muito nessa época em que o planeta passa por grandes transformações e que as pessoas precisam cuidar ainda mais da saúde com medidas de baixo custo e acessível à todos e todas.

2 PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

A problemática da investigação está na compreensão de como realizar a inter-relação entre os conhecimentos científicos e populares sobre plantas medicinais a partir das histórias de vida e experiências práticas dos sujeitos.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é apresentar narrativas de histórias de vida da autora deste trabalho, estudante da Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em suas memórias e experiências sobre as plantas medicinais e, a partir disso, dialogar sobre a inter-relação entre os saberes populares e conhecimentos científicos.

Nessa direção, os objetivos específicos são:

- Descrever as narrativas de história de vida de uma estudante da educação do campo em torno de suas memórias e experiências sobre as plantas medicinais;
- Compreender a relação entre saberes populares e científicos a partir das narrativas.

Para cumprir com esses objetivos, a metodologia escolhida foram as narrativas de histórias de vida, como um método qualitativo de pesquisa.

A partir de Nogueira et al (2017) compreende-se que, “narrar a vida é dela se reapropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que revivê-los” (p. 468), é parte de um processo de relatar as memórias, cheias de significados e aprendizagens, que trazem as experiências vividas, incorporando o passado que se faz presente.

Nesse sentido, as histórias de vida ressaltam o momento histórico vivido pelo sujeito, tem temporalidade, é dinâmica e dialética. Por mais particulares que sejam, as histórias de vida são sempre relatos de práticas sociais e cotidianas: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte (Spindola e Santos, 2003).

A partir dessas práticas, entende - se o cotidiano como,

[...] o momento em que é recebido (pelos atores sociais) como o tempo/ espaço/ ação do idêntico sempre igual a si mesmo; e no entanto é também o concreto, o tempo e o espaço das ações que nos pertencem mais, a dimensão social mais investida de significação de desejos individuais, um campo que longe de ser uma repetição monótona parece carregado de férteis micro eventos. Segundo essa linha de pensamento, nosso cotidiano é repleto de significações: é um conjunto de situações vivenciadas no dia-a dia, percebidas individualmente e renovando-se a cada instante. A vida cotidiana é caracterizada como o lugar das negociações do acontecimento pelos seres humanos e, ainda, como o lugar de disposição da existência pela construção sempre renovada da interface da natureza e da cultura (SPINDOLA E SANTOS, 2003, p. 121)

Diante dessa compreensão, a opção pelas narrativas das histórias de vida da própria autora deste texto, vem no sentido de rememorar e buscar os significados e aprendizagens nas experiências vividas. Além disso, essas memórias, vindas da experiência dão materialidade à dialética do debate que se pretende ao longo do texto, sendo ele a inter-relação entre os conhecimentos científicos e populares.

O desenvolvimento do trabalho encontra-se dividido em: Narrativas de história de vida da autora deste texto, na relação com o conhecimento; discussão sobre a inter-relação possível entre conhecimento popular e científico e o papel do professor e por fim, as considerações finais e conclusões deste texto.

3 VIDA MARGARIDA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA E A RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO

3.1 NARRATIVA 1: O CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS

Ao decidir trabalhar com este tema de pesquisa, muitas memórias e histórias vieram à minha mente, me fazendo refletir sobre os momentos de convívio com minha família, hoje entendendo ela como uma família camponesa¹. A lida com as plantas

¹ Conceito de camponês no meu entendimento são famílias camponesas ou grupos de agricultores familiares que plantam em pequenas quantidades para seus sustento e para sua sobrevivência, tipo a minha família que possuía 14 hectares de terra, uma classe social que luta pela terra,mas Segundo (Martins,1981), do mesmo processo que deu sentido ao conceito de camponês, é definido o conceito latifundiário, e o seu par contraditório.Conceito-síntese, categorias- analíticas que remetem a situação de classe e que estão enraizados numa longa história de lutas.O campesinato se refere a diversa formas sociais baseada na relação de trabalho familiar e formas distintas de acesso à terra como posseiro, arrendatário, e pequeno proprietário etc. Na década de 1970 esse conceito passou a ser

possuía um significado muito forte para meus ancestrais, e minha mãe tinha o dom de benzedura, utilizando em geral, galhos pequenos de ervas.

Quando as pessoas chegavam na nossa casa com seus filhos adoentados, minha mãe costumava pedir para que eu colhesse os raminhos de ervas medicinais para fazer sua devoção. Ela orientava sobre o uso das plantas nativas, como poções, folhas e flores para todas as pessoas da comunidade que necessitavam cuidar da saúde através do uso das ervas, através de chás, infusões e banhos. Ela também fornecia as garrafadas como fortificantes para combater diversas doenças, como anemia, recaída pós-parto, entre outras.

Nesse processo eu já percebia também que as pessoas acreditavam no poder das plantas e que muitas daquelas plantas eram encontradas no quintal de casa ou nas proximidades. Fui crescendo e percebendo que essas práticas são muito comuns e de grande utilidade para as populações, pois cumprem uma função importante de cura, principalmente quando se tem pouco recurso para procurar um médico ou comprar um medicamento.

Vivi até os 18 anos, com minha família no campo e na lida da agricultura, onde vivenciava as práticas de cura de minha mãe. Ela não sabia ler nem escrever, mas o aprendizado que ela transmitia para toda a comunidade dava prazer em vivenciar. Como eu sou a mais nova dos dez filhos me lembro que ela sempre pedia para nós ajudarmos nas várias tarefas domésticas, em especial nas horas que algumas famílias chegavam buscando ajuda de mamãe, com suas orações e plantas. Como de costume, ela me chamava para colher alguns raminhos de ervas medicinais que cultivava no quintal, pois ela tinha o conhecimento herdado da sua bisavó que era da etnia Guarani. Ela conta que herdou o conhecimento das rezas e curas com ervas naturais pelos conhecimentos dos ancestrais, e assim realizava suas devoções elevada diretamente às pessoas que estavam passando por desconforto de dores ou mal estar, nunca cobrando financeiramente por isso. Assim, todas as pessoas que iam buscar a espiritualidade e a cura dos males do corpo e da alma com minha mãe, rapidamente já comentavam com outras pessoas e a benzedura tornava-se conhecida em toda região. Com isso, nossa casa sempre ficava movimentada pelas pessoas que

usado pelas ciências sociais como alternativa ao de camponês, por apresentar caráter operacional, e melhor representar a realidade de um campo submetido pelo estado à desarticulação de seus movimentos sociais e um conjunto de políticas modernizantes.

buscavam essa fé nos tratamentos com as plantas e rezas. Além dela fazer esse trabalho, ela também era parteira das muitas mulheres que preferiam ter seus filhos em casa, por diversos motivos, um deles sempre comentado, era o fato das mulheres terem vergonha de se expor publicamente, muitas vezes para um médico homem. Então, quando sentiam que estava chegando sua hora, buscavam minha mãe para prepará-las para a chegada do bebê. E assim, eu cresci vivenciando essas práticas e refletindo o modo que minha família lidava com a natureza. As pessoas chegavam para minha mãe e falavam: “vim trazer minhas crianças pra senhora benzer, pois essa noite não conseguimos dormir”, “a fulana ou o sicrano acordou no meio da noite com perturbações e muito assustado, causando desconforto para a família toda”. Devido a tudo isso, as pessoas acabavam procurando minha mãe para tentar resolver essas questões.

Vivenciando cotidianamente essas práticas, ao longo desses anos e com esse conhecimento ancestral acumulado, eu sempre observei as áreas verdes públicas nas cidades e pensava sobre como essas áreas urbanas poderiam cumprir a função social de fornecer plantas medicinais para as pessoas, auxiliando no processo de prevenção e cura de doenças. Os anos se passaram, eu vim morar em Florianópolis - SC e passei então a cultivar uma agrofloresta numa área pública de uma comunidade periférica, contribuindo com o reflorestamento urbano e, ao mesmo tempo, com a saúde das pessoas da minha comunidade.

3.2 NARRATIVA 2: RELAÇÃO COM A TERRA E AGROFLORESTA NUMA COMUNIDADE PERIFÉRICA

Cuidar da mãe terra e das plantas sempre foi importante para mim, pois sempre significou viver no presente a história da minha vida. Eu sempre plantei as mais variadas espécies de vegetais e distribuí para todas as pessoas que chegavam no bairro dizendo que estavam necessitando de certo vegetal. A demanda de trocas de sementes e mudas também crescia cada vez mais na comunidade. Em 2005 ganhei uma muda de abacate e eu não tinha espaço para plantar. Então pensei: “vou passar pro lado de lá do asfalto e plantarei escondido esse pé de abacateiro”. E desse modo, eu fiz! Um dia me deparei com os trabalhadores responsáveis pela manutenção das roçadas dos canteiros das vias públicas trabalhando ali onde realizei minhas primeiras

plantações. Fui então falar com alguns deles, ainda um pouco com medo de me expor, pensava que fosse proibido plantar algo nos espaços públicos. Mesmo assim, resolvi perguntar para um dos trabalhadores que estava ali trabalhando se eu poderia plantar árvores naquele local. Então, ele me respondeu que sim e também que, com isso, estaria ajudando eles a cuidarem do espaço. Além disso, me explicou que era difícil para eles darem conta de tanto lixo que tiram desses espaços, sem contar que, sendo uma moradora do local poderia fazer manutenções básicas como carpir o capim que cresce muito rápido. Ao ouvir isso, corri até o pé do abacateiro que estava escondido no meio do capinzal e com as mãos fui abrindo trilhas para mostrar para o trabalhador. Ele então me sugeriu colocar algumas estacas ao redor das plantinhas que eu fosse plantar, assim ficaria identificada e sinalizada para quando eles estivessem ali trabalhando não cortarem as plantas que eu estivesse cultivando. Feito isso, eu agradei os trabalhadores daquele local e saí dali muito feliz, pensando nas possibilidades que estavam surgindo pra mim naquele instante.

Passado alguns anos, em 2006, foi um ano de muita importância para a população do continente de Florianópolis, pois foi a época de regularização das moradias das comunidades das periferias. Muitas transformações estavam acontecendo nas paisagens locais e discussões sobre a preservação do meio ambiente iniciaram na comunidade em que eu morava. Infelizmente, poucos refletiam sobre a preservação do meio ambiente e então me surgiu a ideia de fazer o reaproveitamento de alguns materiais.

Ao lado da minha casa, o vizinho estava cavando uma fundação para construir sua moradia. Conversei com ele se eu poderia usar aquela terra que ele amontoava na calçada, ele me respondeu que sim, porém além da terra, que eu iria acomodar no local, ali continha muito acúmulo de lixos pesados, da própria comunidade, e também as pessoas costumavam trazer de outras localidades. Infelizmente não havia caçambas para descarte do lixo. Além do lixo local, também havia diversas sacolas com lixos que vinham da via expressa que passa ao lado da comunidade.

No instante que ele me autorizou a utilizar a terra que estava cavando, peguei um balde imediatamente comecei a levar a terra com o balde na beira da via, removendo com a enxada todos aqueles lixos que ali estavam depositados, e colocando uma terra nova por cima. Vendo a minha atitude, em levar aos poucos a terra, o vizinho começou a jogar diretamente os carrinhos de terra nos canteiros que

eu estava preparando, e assim fomos cobrindo todos os lixos pesados com a terra que saía da fundação da casa do meu vizinho. (Observação, nesse local aconteciam muitos acidentes com carros, pois na época a rua continha uma curva e o terreno era cheio de valas, inclusive quando chove forma-se um pequeno córrego e na beira da rua não tinha proteção nem uma, a partir de quando comecei a fazer o trabalho de plantios, os motoristas ficaram mais atentos e com isso não acontecerá acidentes naquele local. No início eu arrumei a horta com plantas pequenas e de germinação rápida como: Alface, abóbora, hortelã e cebola, utilizando as parte da cabeça da cebola, que em geral é dispensada pelas pessoas, mas que é a responsável pela germinação dela. Aprendi isso com minha mãe e assim, iniciei a horta utilizando “restos” de vegetais.

Esses vegetais, em sua maioria, vinham da Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S/A - CEASA/SC e da instituição NUTRIR que mais adiante passou a se chamar MESA BRASIL. Eu costumava frequentar essa feira uma vez por semana e recolhia o máximo de “sobras” de todos os tipos de vegetais. Com elas fui iniciando o plantio naquele ambiente de terra que antes era só lixo e que a vizinhança pensava que não iria ser uma terra produtiva. Dali mais ou menos (6) seis meses, a paisagem era outra pois eu plantei milho aipim e girassol, e quando estava na época de florescerem, todos se admiravam e chamavam a atenção, por estar bem próxima da estrada BR - 282. Muitas pessoas paravam para tirar fotos, admiravam e com isso eu me inspirei muito mais a plantar.

Com esse modo de produzir e compostar, as sementes e restos das frutas germinavam e consegui aos poucos fazer a regeneração do espaço. Quando me dei conta, não era mais uma simples horta, mas sim uma agrofloresta. Muitas pessoas vinham até a minha casa para trazer mudas para que eu plantasse e foi assim que conheci o projeto “Revolução dos baldinhos”². Na época, eles recolhiam baldinhos com resíduos orgânicos das famílias e entregavam um baldinho com composto. Esse composto orgânico era muito importante para as pessoas terem terra boa para plantar. Um dia, eles estavam passando perto da minha casa e observei que eles estavam

² Revolução dos baldinho, é uma ong, com o projeto que iniciou pelo combate às infestações de ratos na comunidade, surgiu do movimentos de quatro mulheres com a ideia de doar baldinhos para as famílias coletar os resíduos orgânicos e realizar a separação correta dos recicláveis. A sede da ONG fica na rua dos Pinheiros Verdes s/n, no bairro Monte Cristo em Florianópolis/SC.

procurando por uma planta chamada Erva de Santa Maria, fui a procurar a tal planta e conversando com o grupo me convidaram para conhecer melhor esse projeto que estava iniciando.

Em um outro dia, na reunião de pais da escola América Dutra, onde meus filhos frequentavam, surgiu também a oportunidade de conhecer alguns membros do projeto, pois eles estavam lá para incentivar a comunidade, e ensinar as famílias a fazerem a separação adequada dos resíduos e também comunicando os pontos de coletas. No dia que eles realizavam tais eventos, na sede dos baldinhos eles costumavam levar as pessoas para conhecerem a minha plantação, e uma componente do grupo era quem levava algumas mudinhas para que eu plantasse na horta. Além dela, algumas vizinhas mais próximas doavam sementes e mudinhas e eu até tentava incentivar elas mesmas a plantarem, mas me falaram que não tinham a mão boa para o plantio, e que não vingavam as plantas que colocavam na terra.

Alguns que não gostavam de plantas, me chamavam de louca. Um dia eu estava formando alguns canteiros e um deles gritou pra mim assim - “vizinha, tá maluca!? Pra que ficar se matando, pois aí não cresce nada!” Então eu respondia - “Eu quero que meus filhos conheçam os pés dos alimentos”, pois eles só conheciam os frutos nas feiras. Todas as sementes que eu plantava na terra retornavam em dobro. E assim, eu ia de porta em porta distribuindo os alimentos que eu colhia da horta, e assim eu fui incentivando os vizinhos a gostarem de cuidar do meio ambiente e refletirem sobre a questão de cuidar, plantar e comer.

Em um certo dia, após algumas visitas de repórteres da televisão na minha plantação, a curiosidade de alguns vizinhos começou a despertar. Por exemplo, a dona Maria que chegou na minha casa e perguntou se eu arrumaria algumas mudas de plantas para ela começasse uma horta, e o senhor Hamilton, que também me falou que queria plantar para ficar famoso. E assim a gente compartilhava algumas plantas e também algumas ideias de como arrumar os jardins. Após isso, o senhor Hamilton até conseguiu emprego de jardinagem, e sempre estava renovando e ampliando o espaço da horta dele.

O pessoal do grupo da Revolução dos Baldinhos costumava também realizar visitas guiadas na minha horta e nas hortas dos vizinhos que, iniciaram plantando por curiosidade mas que atualmente passaram a plantar por necessidade e amor em lidar com a natureza.

Outro momento de muita importância, que registro aqui são os momentos de chegada dos muitos visitantes na minha plantação, as falas e as experiências que eles vivenciavam no decorrer de suas vidas e, quando chegavam no meio naquela plantação me transmitiam os saberes e experiências como se já me conhecessem há muito tempo. Para mim, aquilo era muito importante. Algumas vezes minha casa era indicada para os visitantes se hospedarem e passarem a conhecer a experiência, a utilização do espaço etc. Cada visitantes que passou pela agroflorestas deixou suas marcas e lembranças, como por exemplo as Tribos Guaranis, os grupos da Cidade de Tijucas e Águas Mornas e Palhoça que foram conhecer o bairro e observar as plantações e com seu conhecimentos identificaram vários chás e levaram mudinhas para sua comunidade.

Em 2019, a plantação foi cadastrada no sistema do IBGE como Agrofloresta, pois lá contém várias árvores frutíferas, plantas medicinais, verduras e legumes. Após a consolidação da Agrofloresta, as pessoas passaram a me procurar para dialogar sobre as plantas medicinais. Nesse processo eu repassava o conhecimento herdado pela minha mãe e ao mesmo tempo, recebia informação sobre a tal planta que eles procuravam ou algumas plantas que eles necessitavam. Algumas vezes eu não tinha as informações necessárias para informar as pessoas sobre os benefícios e os malefícios que as plantas possuem. Assim, surgiu a necessidade e a curiosidade cada vez mais das pesquisas e informações sobre as plantas.

Cabe destacar que, mesmo sendo um conhecimento herdado, onde há apropriação do saber, acredito que se faz necessário também o comprometimento com a informação sobre as plantas, sobretudo por meio da comprovação científica baseada nas indicações corretas, melhorando cada vez mais o uso correto e seguro das plantas.

Seguem algumas imagens da Agrofloresta:



Imagem 1: canteiros de hortas da Agrofloresta (Fonte: arquivo pessoal)



Imagem 2: Entrada da Agrofloresta (Fonte: Arquivo pessoal)



Imagem 3: Vista da Agrofloresta à beira da estrada (Fonte: Arquivo pessoal)

3.3 NARRATIVA 3: A VIDA ESCOLAR

Contando um pouco sobre minha história com a escola, eu tinha apenas 5 anos quando meu pai faleceu por uma crise de asma e desde então tínhamos que trabalhar na roça, plantando para poder ter o que comer. Porém, meus planos e pensamentos desde a infância era para que eu pudesse aperfeiçoar meus estudos e trocar conhecimentos por onde eu passasse. Um certo dia aconteceu um evento religioso na escola rural que eu estudava e o padre anunciou que estavam cadastrando jovens para estudar para se tornar freiras e padres. Então eu me inscrevi para morar no colégio das freiras, na cidade de Quedas do Iguaçu e nessa época eu já estava com 18 anos e sem muitas expectativas na realidade de uma jovem do campo. Consegui ir embora para a cidade através dessa possibilidade de me tornar freira. Fiquei dois anos no colégio de freiras, mas meus familiares sempre que iam me visitar relataram que eu fazia muita falta nas lidas do dia a dia no sítio. Com a intenção de ajudar minha família, acabei voltando pra casa, mas já com uma posição melhor para continuar os estudos. Eu trabalhava na roça meio período e na parte da tarde estudava na cidade, a prefeitura levava os alunos, mas as condições financeiras, fez com que eu mudasse para a cidade novamente a procura de trabalho para ajudar minha família.

Em 1988 viajei com minha mãe para Foz do Iguaçu em busca de um emprego melhor. Como tenho irmãos que moravam lá, ainda moram, com isso tornou mais viável eu ficar alguns dias na casa da minha irmã, e conseguir um emprego de doméstica. A pessoa que me contratou me incentivava a estudar e me ajudava, comprando meus materiais escolares. Com isso, estudei a sétima e oitava séries por pouco não consegui concluir, pois tive que sair deste trabalho.

Em 1990 consegui fazer minha carteira de trabalho e iniciei trabalhando em um restaurante em diversas funções. O salário recebido lá, em especial, para contribuir com o sustento da família e meus estudos ficaram de lado. Trabalhei nessa empresa por um ano, mas eles estavam com problemas financeiros e atrasando os pagamentos dos funcionários, então fui conversar com o dono do restaurante para entender o que estava acontecendo ele falou que além de atraso financeiro ele também não tinha me registrado a carteira de trabalho, fiz acordo para eu me afastar da empresa, pois eu estava fazendo parte da equipe porque precisava muito dos salários mensais. Então saí a procura de novo emprego e consegui logo em outro

restaurante, mas dessa vez registraram a minha carteira profissional de trabalho. Trabalhei por muitos anos nessa empresa.

Em 1991 consegui levar minha mãe para morar comigo em Foz do Iguaçu, e nesse mesmo ano conheci o pai dos meus filhos. Em 1997 meu companheiro desempregado e eu já com dois filhos, decidimos sair de Foz do Iguaçu e eu acabei saindo da empresa onde já trabalhava há quase 5 anos, em busca de melhores condições de vida em Florianópolis. Na chegada a Florianópolis foram muitas experiências, medo e insegurança, por estar morando na ponta do Leal, praticamente dentro do mar em barracos palafitas, longe da família e de pessoas conhecidas. Na creche onde meus filhos estudavam conheci a coordenadora que me incentivou a realizar cursos profissionalizantes como cabeleireira e manicure. Me inscrevi, me formei e comecei a trabalhar na comunidade fazendo as unhas da vizinhança e cortando cabelos. Com isso, comecei a participar de outros cursos e ações sociais.

Em 2001 mudamos para o Bairro Monte Cristo, onde passamos a fazer parte da comunidade. Um dia, eu estava andando na rua e uma senhora chamada me parou e relatou que fazia parte de um projeto da CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) e me perguntou se eu gostaria de participar, pois ela precisava de pelo menos 10 pessoas para iniciar o projeto do CEJA e a alfabetização no complexo da Chico Mendes. Esse foi o dia mais importante da minha caminhada que, por muito tempo, eu esperava realizar. Me matriculei e quando chegou o início das aulas à noite, eu não tinha com quem deixar meus filhos, então colocava os dois sentados no carrinho e eles ficavam em um cantinho na sala de aula e assim consegui finalizar o período escolar, e me formei no ensino fundamental.

No último encontro do CEJA, a professora passou a lista da chamada para outra profissional do ensino Médio que já nos incentivou a continuar estudando e assim, passei a frequentar a EJA (Educação de jovens e adultos), na modalidade Telecurso 2000, não havendo muito aproveitamento de aprendizado pois as aulas eram por vídeos à noite na Escola Pêro vaz de Caminha, no Bairro Monte Cristo. Sendo assim, em 2005 me formei no Ensino Médio.

3.4. CHEGADA AO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Desde que comecei a construir a horta na comunidade, acabei ficando conhecida por “Margarida da horta”. Com isso, sempre me convidava para participar dos eventos e seminários dos projetos do bairro. Em um desses eventos organizados pelo pessoal do projeto Revolução dos Baldinhos, eu participei e lá encontrei com o Marcos José de Abreu (conhecido popularmente por “Marquito” na época tinha sido o vereador mais votado e é atualmente deputado estadual). Então, ele veio até mim e falou: “Dona Margarida, saiu um edital para estudar na UFSC, no curso de Licenciatura em Educação do Campo. É um curso novo!”. Ele então insistiu que eu me inscrevesse para fazer o vestibular e eu respondi a ele: “Como eu vou fazer esse vestibular se eu estou há mais de 15 anos sem estudar?” Então ele insistiu e disse: “ Eu vou te passar o *link* da inscrição e a senhora pede pros seus filhos fazerem a sua inscrição”. Chegando em casa comentei com os meus filhos sobre o que o ele havia me falado e meus filhos me incentivaram e me ajudaram a me preparar para o vestibular. Então fui estudando através de vídeos do *Youtube*, em torno de duas horas por dia, durante dois meses. E assim, fizeram minha inscrição para que eu prestasse o vestibular. Para mim foi um pouco confuso tudo isso, as coisas foram acontecendo muito rápido e muitas mudanças na minha rotina de vida foram mudando.

Em relação à rotina de estudos foi ainda mais diferente, pois eu estava longe da escola há muitos anos e durante minha vida escolar as coisas não foram muito fáceis. No dia a dia eu não tinha tempo para me dedicar aos estudos, pois morava e trabalhava na roça. Eu trabalhava diariamente na agricultura e com isso, pude estudar só até a quarta série. Devido às necessidades da minha família, nossa dedicação era exclusivamente ao trabalho, para garantir nossa sobrevivência e não aos estudos.

Por já possuir o Ensino Médio, eu poderia entrar na universidade, mas isso estava muito longe de tudo o que eu já havia sonhado. Quando o Marquito me incentivou a fazer a inscrição para a universidade, eu não imaginava que aquilo era algo que eu poderia fazer, mas não deixei de tentar. Foi assim que, em 2018, esse sonho se tornou realidade e eu ingressei no curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFSC.

Dentro do curso e por estar na universidade eu passei a ter oportunidades e também passei a conhecer e entender mais sobre a Agroecologia, através dos movimentos sociais, alguns grupos agroecológicos que tive a oportunidade de conhecer. Participei de atividades de monitoria, de projetos como o PIBID, atuando

dentro da escola da minha comunidade. Todas as vivências e aprendizados que tive dentro do curso me motivam a prosseguir os estudos e um dia quem sabe, me tornar professora. Esse é meu sonho!

4 O CONHECIMENTO POPULAR E CIENTÍFICO: UMA INTER-RELAÇÃO POSSÍVEL

A partir dos objetivos desta pesquisa, buscamos trazer algumas discussões que contribuam para dialogar sobre a inter-relação entre os conhecimentos populares e científicos, sem procurar a legitimidade de qualquer um deles, mas contribuindo para a autonomia, alfabetização científica e formação crítica dos sujeitos na sociedade.

Quando abordamos o tema conhecimento, rapidamente nos vem à mente a escola, como instituição máxima por onde percorre os conhecimentos das diversas áreas. Dentro da escola, os possuidores de conhecimentos, ou seja, os professores. Mesmo que, atualmente, qualquer pessoa com bons engajamentos em redes sociais seja ou diga ser, conhecedora de qualquer assunto e os professores e a escola alvo de perseguição político ideológica, no imaginário coletivo, ainda predomina a escola como o local do conhecimento e talvez seja esse um dos motivos que incomode seus perseguidores. Já questionava Paulo Freire,

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe está embutida neste descaso? “Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.” (FREIRE, 2011, p.32 *apud* CARCAIOLI, 2014, p. 55)

A atuação do professor/a está sempre sendo colocada à prova e a possibilidade de circulação dos diferentes conhecimentos parece sempre ser mais uma tarefa do professor, como forma de colocar em prática a interdisciplinaridade a qualquer preço ou o “resgate” de saberes populares, como se eles estivessem perdidos e esperando o professor para salvá-lo.

A partir da Educação do Campo aprendemos que a transformação da sociedade se dá também, e não somente, por dentro da escola, compreendendo todos os sujeitos que fazem parte dela - professores; estudantes; diretores; funcionários da limpeza, da cozinha; as pessoas da comunidade onde a escola está inserida - como sujeitos de direitos, detentores e possíveis produtores de conhecimentos. Essa outra forma de compreender a transformação da sociedade se dá quando projetamos uma formação que “busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico” ((FRIGOTTO, 2012, p. 265 *apud* CARCAIOLI, 2019, p. 59), ou seja, uma educação omnilateral.

[...] Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. Em síntese, educação omnilateral abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois os mesmos *não são simplesmente dados pela natureza. O que é especificamente humano, neles, é a criação deles pelo próprio homem* (Mészáros, 1981, p. 181, *apud* Frigotto). (FRIGOTTO, 2012, p. 265 *apud* CARCAIOLI, 2019, p. 59)

O que estamos procurando enfatizar é que, não faz sentido uma busca pela legitimação dos conhecimentos populares pela Ciência ou ainda que, esses conhecimentos precisam ser levados obrigatoriamente à sala de aula pelos professores, pois pode se tornar simples adereço. O que defendemos é que eles - os conhecimentos populares - fazem parte, das muitas dimensões que constituem os sujeitos e que são aprendidos em outros espaços, fora da sala de aula, mas que dentro dela devem ser considerados como parte da historicidade de eventos que constituem os sujeitos ali presentes e também a historicidade do próprio conhecimento científico. O conhecimento dito “popular” foi e continua sendo, a base para muitas pesquisas científicas, pois vem de um outro lugar, o da observação da natureza. Destaco um trecho da Narrativa 1 em que descrevo a atuação da minha mãe como benzedeira da comunidade em que vivíamos:

“Ela orientava sobre o uso das plantas nativas, como poções, folhas e flores para todas as pessoas da comunidade que necessitavam cuidar da saúde através do uso das ervas, através de chás, infusões e banhos. Ela também fornecia as garrafadas como fortificantes para combater diversas doenças, como anemia, recaída pós-parto, entre outras.” (NARRATIVA 1)

Minha mãe nunca foi à escola, aprendi com ela a cuidar da minha saúde e das pessoas à minha volta, a partir das plantas medicinais. Ela aprendeu com minha avó, que aprendeu com minha bisavó e assim por diante, constituindo uma rede de saberes ancestrais. De toda essa rede de mulheres, talvez eu seja a única que cheguei à escola e à universidade. Esse conhecimento ancestral faz parte da minha vida, me formou e me faz ser quem sou hoje e a Educação do Campo, por acreditar na formação omnilateral como transformadora da sociedade me permite, ter acesso também a um outro conhecimento, o conhecimento científico, que eu pouco tive acesso em toda minha vida, como descrito nas Narrativas 2 e 3.

A inter-relação entre esses conhecimentos - populares e científicos - quando considerados dentro de uma perspectiva de educação omnilateral, contribui para a desejada “alfabetização científica” (CHASSOT, 2016). Evidentemente, apenas uma parcela da população tem acesso aos produtos do conhecimento científico, não apenas por uma opressão, mas também pelo processo de socialização desigual, como também pode ser exemplificado na minha própria história de vida. Aqui, cabe destacar o importante papel do professor, que tem acesso aos mecanismos possíveis para contribuir com os educandos para que alcancem a alfabetização científica.

A nossa responsabilidade maior no ensinar Ciências é procurar que nossos alunos e alunas se transformem, com o ensino que fazemos, em homens e mulheres mais críticos. Sonhamos que, com o nosso fazer educação, os estudantes possam tornar-se agentes das transformações - para melhor - do mundo em que vivemos. Podemos considerar a alfabetização científica como o conjunto de conhecimentos que facilitaríamos aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo em que vivem [...] não apenas facilitando a leitura do mundo em que vivem, mas entendendo as necessidades de transformá-lo, e transformá-lo para melhor. (CHASSOT, 2016, p. 63)

Essa forma de compreender os sujeitos, a escola, o papel do professor e o ensino, que aprendi da Educação do Campo, é que nos faz compreender o papel do professor na construção dos caminhos possíveis para a autonomia dos educandos. A partir de Paulo Freire compreendemos essa construção como,

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma -se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende

ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 2011, p. 15)

O respeito do educador/a à “leitura de mundo³” do educando, não significa concordar com ele, mas saber escutá-lo, respeitar sua curiosidade, reconhecer a historicidade do saber (Freire, 2011), recusando-se à arrogância cientificista e assumindo a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica.

Não podemos separar a experiência pragmática de vivenciar o mundo da epistemologia cientificista de classificação e ordenação do mundo. Pensamos que o método científico, quando aberto às contingências ordenadas de outras formas de saber cotidiano e popular, pode auxiliar na comunicação entre diferentes mundos humanos – socialmente construídos e separados hierarquicamente – e na conjugação de diferentes saberes que detêm estatutos hierárquicos diferentes dentro da escola – o científico e o cotidiano, o popular. (CARCAIOLI, 2014, p. 3)

Por fim, vale destacar que, não há ciência neutra e que os “cientistas” não são os detentores de todo conhecimento, ou seja, dominam o poder dos saberes e a população em geral é desprovida de poder científico. Mas, o poder das ciências pode não ser apenas negativo, pois esses enunciados científicos são uma parte de um conjunto de saberes existentes (Lopes, 2000). Cada saber apresenta características particulares, desse modo saberes populares e cotidianos que fazem parte de uma estrutura social e apresentam sua legitimidade, não devem ser deixados de lado e oprimidos, muito embora se encontrem, em determinados contextos, numa posição hierárquica em relação aos saberes científicos, mas que a partir da educação omnilateral, ganha outro contexto, o da inter-relação, que contribui para a alfabetização científica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal apresentar narrativas de minhas histórias de vida com ênfase em minhas memórias e experiências sobre as plantas medicinais e, a partir disso, dialogar sobre a inter-relação entre os saberes populares e os conhecimentos científicos.

³ Segundo Freire (2011): “A leitura do mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente constituindo”.

Tal como o trabalho evidenciou, o estudo das plantas medicinais é uma tarefa importante para relacionar os conhecimentos científicos e populares. Do ponto de vista dos saberes populares, a minha trajetória de vida, a partir das narrativas, revelou como a troca de conhecimentos existente cotidianamente nas comunidades e famílias, no convívio educativo e geracional, sobretudo entre mulheres, é capaz de mobilizar o uso das plantas medicinais para melhoria da saúde das pessoas. Nesse contexto, destaca-se o fato de ser um uso de baixo custo e que envolve valorização cultural, por meio de questões místicas e religiosas. Paralelamente, o trabalho mostrou que, ao longo de minha vida, as plantas medicinais mobilizaram a construção de uma agrofloresta, possibilitando com isso a preservação do meio ambiente e a revitalização de um espaço de uma comunidade periférica, além de proporcionar relações de solidariedade entre vizinhos para essa construção.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista dos conhecimentos científicos, o trabalho fez questão de enfatizar como se faz extremamente necessário entender os benefícios e malefícios das ervas para fazermos um melhor e mais seguro uso dos medicamentos a base de plantas medicinais. A partir disso, uma das principais conclusões deste trabalho foi a de revelar a riqueza que a inter-relação entre saberes populares e científicos pode proporcionar para a saúde das pessoas e para o meio ambiente.

Um segundo aspecto a ser destacado refere-se à necessidade de aprofundamento dos conhecimentos em torno das plantas medicinais nos espaços escolarizados, o que é uma tarefa fundamental para as disciplinas de ciências no contexto da educação do campo. O trabalho buscou demonstrar a importância de ampliar os conhecimentos das pessoas em torno das plantas, o que pode ser feito na escola, seja na sala de aula ou nos seus demais espaços educativos, como as bibliotecas, hortas e laboratórios. Em outras palavras, trata-se de ampliar as práticas pedagógicas das aulas de física, química, biologia e matemática, trabalhando aspectos da saúde voltadas para autonomia, cuidado do corpo e do ambiente. Sobre isto, cabe considerar a coerência desta forma de trabalhar para a educação do campo, uma vez que esses saberes populares fazem parte do cotidiano de vida dos sujeitos do campo.

Por fim, este trabalho mostrou a importância da valorização das histórias de vida dos sujeitos do campo para a realização de pesquisas e investigações na

educação do campo. As narrativas nos ajudam a organizar e registrar os saberes ancestrais, permitindo mobilização dos conhecimentos e conceitos das diversas ciências no contexto escolar, tal como aprendi ao longo da minha formação na Licenciatura em Educação do Campo.

Observa-se que a função social desta pesquisa está no compromisso educativo desta pesquisadora, uma vez que o tema da investigação tratou de práticas já inseridas em meu cotidiano, aprendidas ao longo de minha vida e que sempre garantiu o cuidado de minha família. Penso que tenho essa tarefa de seguir levando esse conhecimento, agora somado aos saberes científicos, para os demais espaços onde atuei como educadora. Assim como aprendi em minha casa, é possível trabalhar com a cura de modo educativo possibilitando ampliação da saúde física e mental a baixo custo, o que é a função social das plantas medicinais e, conseqüentemente, de quem trabalha com elas.

Em síntese, eu aprendi os conhecimentos das plantas em casa, com as mulheres que me educaram, depois eu construí uma agrofloresta para transmitir esse saber e conhecimento para as demais pessoas, conseqüentemente trabalhei para a revitalização de um espaço público de uma comunidade de Florianópolis. Na seqüência, ampliar esse conhecimento estudando na universidade e relacionando a ciência ao meu cotidiano. Agora, como educadora, tenho uma outra etapa pela frente: relacionar os meus conhecimentos populares aos científicos ensinando Ciências como química, física, matemática e biologia e levando todos esses conhecimentos para as crianças e jovens, nas escolas. Outras crianças e jovens poderão conhecer os “pés dos alimentos” e novas fontes de cura, sendo assim, esse trabalho buscou registrar a história da Vida Margarida para, assim, contribuir com outras vidas margaridas!

REFERÊNCIAS

CARCAIOLI, Gabriela F. **Conhecimentos ordinários, currículo e cultura: artes de fazer** no Acampamento Elizabeth Teixeira. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós- Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática na Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 2014.

_____. **Educação do Campo, Agroecologia e Ensino de Ciências: o tripé da formação de professores**. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática no Instituto de Física Gleb Wataghin da UNICAMP. Campinas, 2019.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 7ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016. Coleção Educação em ciências.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, G. **Educação omnilateral**. Verbete do Dicionário da Educação do Campo. EPSJV/Expressão Popular, 2012. p. 267-274.

LOPES, Alice R. C. **Conhecimento escolar: Ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999.

NOGUEIRA, Maria Luísa **Magalhães**; Barros, Vanessa Andrade de; **Araujo**, Adriana Dias Gomide; **Pimenta**, Denise Aparecida Oliveira. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. Pesquisas e Práticas Psicossociais 12 (2), São João del Rei, maio-agosto de 2017. p. 466-485. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/16.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2022.

SPINDOLA, Thelma; **SANTOS**, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida**: percalços de uma pesquisa(dora?). Rev Esc Enferm USP 2003; 37(2):119-26. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/207.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2022.

Imagens

<https://hortodidatico.ufsc.br/>

ANEXO 1

Catálogo de plantas medicinais que fazem parte da minha trajetória de vida

Abaixo registro alguns ensinamentos que aprendi com minha mãe e que são valiosos para mim, para minha família e buscam contribuir com todas as pessoas à minha volta. Sendo assim, organizei um catálogo com as principais plantas presentes na minha vida e a forma como as utilizo.

Desde os tempos de criança, aprendi com minha mãe a fazer os chás da seguinte maneira:

- 1) Colocar água e ervas juntas para ferver;
- 2) Tampar o recipiente;
- 3) Depois da fervura desligue o fogo;
- 4) Aguardar ficar morno ou frio, e tomar as xícaras, pelo menos 2x ao dia.

Depois dos meus estudos e pesquisas, aprendi que a melhor forma de fazer os chás é através das infusões, primeiro deixar as ervas reservadas em um recipiente, e depois que a água ferver despeja em cima das ervas, e em seguida tampar para conservar as propriedades e efeitos ativos dos chás. O modo como eu fazia antigamente não é errado, mas só deve ser feito com plantas duras, cascas e caroços ou sementes.

Além dos chás, também costumamos consumir as plantas medicinais nas chamadas “garrafadas”, que é o medicamento pronto e bem concentrado. O modo como costumo fazer é da seguinte forma:

- 1) São várias ervas medicinais colocadas para cozinhar juntas.
- 2) Acrescentar, noz moscada, cravo, canela até formar uma calda consistente.
- 3) Depois é peneirados ou coados e colocados em garrafas de vidros bem tapadas.

De modo geral, como forma de fácil diferenciação entre os preparos temos:

- **Chás:** Coloca ferver água e erva junto tampe a vasilha, deixe por uns 10 minutos. Toma-se morno ou frio.
- **Sumo:** Coloca-se as plantas enroladas em uma toalha, bate com martelo e vai espremendo em uma vasilha, pois surgem um líquido. Esse processo pode ser feito também de forma **macerada**, coloca as plantas direto em um recipiente e com utensílio da cozinha socadora de alho ou de feijão também retira os líquidos das plantas. Feito isso, pode ser usado como passar em machucados ou pingar as gotinhas na água e beber.
- **Banhos:** Cozinhe as plantas, por 10 a 15 minutos depois passe em um coador, e quando esse processo estiver em temperatura ambiente lava-se o corpo todo massageando. Pode ser feito os assentos de banhos também com essa ervas cozidas.
- **Emplastos:** Coloca -se diretamente as folhas inteiras das plantas ou maceradas, no local da machucadura ou nas dores usando uma faixa para proteger o local do corpo.

Marcela do Campo, ou marcelinha



Marcela é uma planta espontânea, na época com minha família costumava usar chá de marcela, para combater má digestão, dores de barriga, diarreia, e gripe resfriados. Os chás eram preparados de modo que as plantas eram colocadas a ferver na água, depois esperava ficar e tomava as porções das xícaras conforme a gosto. Minha família costuma colocar as flores da marcela no chimarrão.

Nome Científico: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC

Família: Compositae.

Origem Sul e Sudeste do Brasil.

Propriedades: Antiinflamatório,antiespasmódico (reduz contrações musculares involuntárias) e analgesico, sedativa e emenagoga.

Características Botânicas: É uma planta herbácea perene,de 60 a 120 cm de altura. Ela cresce espontaneamente em pastagens e beiras de estradas. Seu uso como medicina caseira, entretanto, é maior tanto no Brasil como em outros países da América do Sul.

Modo de uso ou dosagem indicada: Infusão: O Chá de suas flores e ramos na proporção de 5 gramas por litros de água fervente.No Brasil ela é usada no tratamento de problemas gástricos,epilepsia e cólicas de origem nervosa. É antiinflamatório, antiespasmódico (reduz contrações musculares involuntárias) e analgesico, para diarreia e disenteria, como sedativa e emenagoga, antiviral e protetoras do estômago e fígado. O ácido centipede exerce um efeito antioxidante.

Hortelã



O hortelã sempre era indicado como calmante, para todas as crianças que chegavam para minha mãe benzer, por ser uma planta bastante popular, e possui forte aroma de frescor seu chá é essencial para todos os tipos de público que necessitavam de alívio às dores na barriga, náuseas e ânsia de vômito.

Aprendi com minha mãe, a fazer os chás de hortelã:

Para as crianças menores, usar apenas duas ou três folhas de hortelã pelo motivo que a planta tem bastante aroma. Já para os adultos a planta pode ser usada uma mão cheia de folhas da planta hortelã, fazer o chá e servir a gosto quente ou frio.

Nome Científico: *Mentha spicata*

Erva santa maria



Planta espontânea conhecida também por mastruz em alguns outros estados e cidades.

A erva santa maria, é muito usada pela minha família, como ante-vermífugo pois colhíamos e lavava bem as folhas e colocava em uma forma e levamos ao forno ou na chapa do fogão a lenha para fazer a secagem. Depois de feito esse processo, e as ervas em forma de pó colocava-se duas colheres de sopa misturada em água fervente. Minha mãe dava para nos tomar em jejum, Como ela costumava fazer o chá de manhã quando minha irmã tirava o leite da vaca, então íamos com o copinho já com a porção da erva para assim ser tirado o leite e em seguida ingerirmos em jejum. Além disso, por ter propriedades antissépticas, essa planta também é ótima para tratar infecções, pois combate a proliferação de fungos e bactérias no organismo. Por ser uma planta de aroma bastante forte costuma-se fazer o chá e usar essa erva para tomar de vez em quando.

Nome Científico: *Chenopodium ambrosioides* L.

Amaranthaceae (antiga Chenopodiaceae)

Picão



O picão é uma planta espontânea que minha família costuma usar na forma de chás e através de banhos. A planta é conhecida como anti anêmico e combate o amarelão onde a pele de algumas pessoas ficam de cor amarelada. Minha mãe fazia as ditas garrafadas com essa planta incluindo outras ervas medicinais aliadas e com os mesmos potencial e propriedades como fortalecedor para combater os males do corpo.

Origem ou Habitat: Brasil (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal).

Características botânicas: Erva anual, de 30 a 150 cm de altura, ereta, subespontânea, ramificada desde a base, caules tetragonais, glabra ou sub-pilosa, folhas compostas e opostas (as superiores alternas), pecioladas, margem serradas; inflorescências tubulares e radiadas, amarelas; frutos escuros quando maduros, com artistas que se prendem à roupa ou pêlo dos animais. A raiz tem aroma que lembra a cenoura (Alonso, 2004).

Partes usadas: Toda a planta.

Nome Científico **Sinonímias:** *Bidens affinis* Klotzsch & Otto; *Bidens alausensis* Kunth; *Bidens chilensis* DC. *Bidens hirsuta* Nutt.; *Bidens hispida* Kunth; *Bidens montauban* Phil.; *Bidens odorata* Cav

Carqueja



A Carqueja é uma planta espontânea minha mãe colocava pedaços das folhas dessa planta no chimarrão, essa planta combate má digestão, previne dores no estômago, ânsia de vômitos, e regulador menstrual. O chá de carqueja é bom para Úlceras, má digestão, fígado, diurético, depurativo e combate a diabetes.

Nome científico: *Baccharis trimera*

Classificação superior baccharis espécie;

classe: magnoliopsida

Divisão: Magnoliophyta

família: asteraceae

A *Baccharis trimera* é uma espécie de baccharis conhecida popularmente como carqueja ou carqueja- amargosa. A carqueja é uma erva espontânea encontra nos terrenos baldios e pastos, pode ser usado como planta medicinal, na forma de chás ou infusões

Características botânicas: As espécies deste gênero são subarbustos ou arbustos ramificados, com 0,5 a 4 metros de altura, com caule e ramos cilíndricos, folhas alternas e muito variáveis na forma e no tamanho, e com capítulos que podem ser de unia multiflores. São plantas dióicas com inflorescências masculinas e femininas em

plantas separadas.4 as flores são pequenas, brancas ou amareladas, unissexuais, reunidas em inflorescências, apresentadas em capítulos pequenos, sésseis, de 6 a 7 mm de altura, dispostas nas terminações dos ramos, formando espigas interrompidas. O fruto é um aquênio com papilho, com 10 estrias longitudinais, de cor branca ou amarelado. As sementes têm um penacho plumoso que serve para dispersar-se pelo vento. Diversas espécies de *Baccharis* com ramos trialados são confundidas com *Baccharis trimera*, como *Baccharis crispa*, *Baccharis cylindrica*, *Baccharis microcephala* e *Baccharis usterii*. Exceto a última, que apresenta folhas normais nos extremos inferiores, às demais espécies só podem ser identificadas macroscopicamente quando estão floridas. A presença de ramos bailados na *Baccharis articulata* permite a distinção desta do resto das carquejas.

Tanchagem ou Tansagem



Tanchagem : É uma planta espontânea e bastante usada na forma de chás, e sucos. ela macerada retira-se o sumo. Tanto o sumo ou maceração, é utilizado para cicatrizar feridas, ou machucados. O chá ou suco dessa planta combate as infecções da bexiga, garganta e dos rins. Essa planta age como anti inflamatória e combate às infecções de modo geral etc.

As sementes também são usadas nas receitas culinárias como, na forma de linhaça. A planta tanchagem costuma-se usar a planta toda.

Características botânicas: Planta herbácea, perene, ereta, não possui caule, pode chegar até 40 cm de altura. As folhas são dispostas em roseta basal, com pecíolo

longo e lâmina membranácea com nervuras bem destacadas, de 15-25 cm de comprimento. Flores muito pequenas, hermafroditas, dispostas em inflorescências espigadas eretas sobre haste floral de 20-30 cm de comprimento, de cor verde-amarelada. Os frutos são cápsulas elipsóides de 2 a 4 mm de largura. As sementes são facilmente colhidas raspando-se entre os dedos a inflorescência. Multiplica-se por sementes. A raiz é fasciculada. Outras espécies, muito semelhantes, são utilizadas no Brasil para os mesmos fins na medicina popular, sendo a *Plantago lanceolata* Hook. de origem européia e a *Plantago australis* Lam. nativa do Sul e Sudeste do Brasil. Outra espécie, de origem oriental, *Plantago ovata* Forssk, é descrita com detalhes pelo Dr. Jorge Alonso, no Tratado de Fitofármacos y Nutracéuticos, 2002, e apresenta os mesmo usos medicinais.

Nome Científico: *Plantago australis* Lam.

Alecrim:



Essa planta me faz lembrar os momentos que minha mãe pedia pra mim colher raminho para ela benzer as crianças. Ela costumava colocar raminhos dessa planta atrás das orelhas e também gostava de fazer o uso dessa planta no banho para combater as dores no corpo, e o chá para aliviar as dores de cabeça e febre, o chá dessa planta é recomendado para deixar as pessoas com bom humor. O alecrim é uma erva aromática e por isso é usada para as práticas de defumações para purificar os ambiente.

Nome científico: *Salvia rosmarinus*

Ela é classificada, das espécies família Lamiaceae

filo: Magnoliophyta

Reino: Plantae

classe: Magnoliopsida

Classificação superior: Sálvia

Características botânicas: Subarbusto lenhoso, ereto, pouco ramificado, perene medindo cerca de 1,5 m de altura. Folhas com 1,3 – 4 cm de comprimento e 0,1 a 0,3 cm de largura, lanceolada, opostas cruzadas, sésseis simples, lineares, coriáceas, com margens recurvadas, face superior verde rugosa, face inferior esbranquiçada. Inflorescências axilares, do tipo racemo, flores azuladas, pequenas **cerca de 1 cm de comprimento** na região do mediterrânea ocorrendo dos 0 a 1500 metros de altitude, preferencialmente em solos de origem calcária. Devido ao seu aroma característico, os romanos designavam-no como *rosmarinus*, que em latim significa orvalho do mar.

Capim cidreira



Capim cidreira ou capim limão. O chá dessa planta é recomendado como calmante para controlar a ansiedade, estresse e aliviar as dores do corpo, gripes e resfriados.

Nome Científico *Cymbopogon citratus*

Erva doce



A ancestralidade costuma mencionar que essa planta ajuda as mães que amamentam já que algumas delas, possuem pouco leite, assim elas tomando o chá ajudará no rendimento da produção de leite materno.

Usada de várias maneiras, chás e as sementes usada em várias receitas culinárias. O uso dessa planta é bom para combater ansiedades, aliviar dores e má digestão e combater as prisões de ventre, conhecida por gases intestinais.

Nome Científico *Foeniculum vulgare*.

Gengibre

Nome Científico *Zingiber officinale roscoe*



Usado na forma de chá, e nas garrafadas e também na forma de quentão de modo adicionando outras ervas. **O gengibre** combate gripe e os resfriados e prevenir todos os tipos de infecções do organismo e também do corpo, essa planta é recomendado tomar chá ou suco em jejum para eliminar toxinas do organismo

Manjerona



O chá dessa planta é recomendado para combater gripe e resfriados, dores de cabeça e alivia o desconforto e mal estar no corpo, age também como calmante e combate à ansiedade.

Nome Científico: *Origanum majorana*

Mentruz



É uma planta espontânea, usamos as folhas para alimentação na forma de salada e também na forma de emplastro, e adicionado essa planta inteira em uma garrafa com álcool para massagear o local do corpo dolorido ela também combate as dores reumáticas.

nome científico: *Chenopodium ambrosioides*

Alho

nome científico: *Allium sativum L.*

O alho é usado para muitas ocasiões, diariamente na alimentação como temperos e também através de chá. costuma também fazer a torragem do dente do alho esmagar e acrescentar em uma gases esse processo serve para dores no umbigo das crianças recém nascidos, e também contra mordidas de insetos O alho age como

antibiótico no corpo das pessoas, por isso é recomendado para fazer o chá de alho para combater gripes e resfriados.

Boldo



Nome científico *Plectranthus barbatus*

O Boldo, o chá dessa planta, combate a má digestão, alivia as dores e desconforto no organismo. O chá do boldo, usado também para aliviar o mal estar das ressacas quando as pessoas ingerem bebidas alcoólicas.

Camomila



O chá de camomila é recomendada como calmante, ela prevenir gripe e resfriados, alivia as dores e mal estar do corpo, agindo como calmante

Arruda



Essa planta é conhecida pela forma de proteção do mau olhado, minhas ancestralidades costumavam ter superstição de pôr uma folha de arruda atrás das orelhas, e fazer defumações com arruda secas de modo limpar o quintal em redor da casa fazer as fogueirinhas e colocava alecrim guiné e arruda para defumar, chamava-se defumação.

Limoeiro



Limão: O limão ajuda a eliminar as toxinas do organismo, costuma tomar em jejum um copo de 300ml do suco de limão misturado com água, para refinar o sangue e ajudar a purificar o organismo e prevenir uma pele limpa. Tanto os frutos quanto as folhas, pode ser usado na forma de chá, ele previne a imune contra vírus da gripe e resfriados, elimina catarros, o suco do limão pode ser ingerido como suco ou temperar as saladas, minha irmã costuma ferver o suco do limão junto com açúcar esse processo torna uma espécie de mel, pode ser usado para passar no pão ou a gosto.

Laranjeira



Tanto a cascas dos frutos ou as folhas da laranjeiras são usadas para fazer o chá, deve ter cuidado ao usar as casca ela possui mais odor, contém uma espécie de óleo gasoso , nós costumamos desidratar as cascas fazendo a secagem ao sol para ela conservar por mais tempo. O chá ajuda na prevenção da gripe e resfriados, usamos as cascas da laranja raladas ou torradas e moídas em forma de pó, para as culinárias e doces O frutos são usados para comer por si só, e na preparação de sucos.

Goiaba



Folhas de goiabeira: O chá das folhas serve para combater dores na barriga, e diárias, os frutos serve como alimento e também para fazer suco e goiabadas tanto os frutos possuem propriedades de vitaminas assim como as folhas também possuem vitaminas

Cipó milome



Essa planta a minha família usa para todos os tipos de dores, e para prevenir má digestão, tomam no chimarrão e costumam fazer os chás das folhas e também com as lasquinhas da planta mais adulta.



Cipo milome planta adulta: Primeiro passo para fazer o chá com uma faca raspar a parte mais velha do cipó até próximo do miolo mais duro depois desse processo. Tirar 3 lasquinhas ou 3 folhas da planta, e despejar água fervente junto em uma xícara, tomar o chá morno ou frio. Ele previne gripe e resfriados e combate má digestão e as dores na barriga e as infecções em geral do organismo.

Observação:

Todos os chás e as plantas que minha família indicava, para pessoas que as procuravam, eram indicadas porções diferentes para adultos e para as crianças devido os fortes aromas das ervas e os efeitos que podem agir no corpo das pessoas.

Chapéu de couro



Também conhecida por erva do brejo. Costumes da família tomar pedacinhos das folhas desta erva na cuia de chimarrão e o chá dessa planta é bom para combater as dores de cabeça, infecção da bexiga e dores no rim, é usado como depurativo.

Chapéu- de- couro, também conhecido pelo nome de chá de campanha, erva- do- pantano, erva- do - brejo, é uma erva da família das alismataceae.

Nome científico: *Echinodorus grandiflorus*

Classe: Liliopsida

Reino: Plantae

Encontra do sul do México até o Brasil

características botânicas: Erva ou subarbusto de área alagada ou brejo, perene, acaule, rizomatoso, medindo de 1-2 m de altura; folhas simples, coriáceas, ovadas, grandes e eretas, com nervuras proeminentes, com pecíolos rígidos e longos de até 1,3 metros de comprimento; flores brancas, numerosas, dispostas em amplas panículas que se dispõem no ápice de longos pedúnculos que se originam diretamente do rizoma e sobressaem acima da folhagem.

Guaco (nome científico:mikania hirsutissima)



O guaco eu não tinha conhecimento junto aos meus familiares , mas aqui em santa catarina, eu conheci, e não deixei mais de cultivá-la essa planta é muito procurada pois as pessoas costumam usar essa planta para fazer os chás e xarope expectorante é usado também para combater gripes e resfriados.

Por fim, trago atividades realizadas na disciplina manejo de agroecossistema no qual aprendi bastante sobre alimentação e saúde com plantas naturais e pancs

Feijão Guandu



Feijão andu(*Cajanus cajan*): Depurativo do sangue,diurético,e inflamação da garganta.

Picão (*Bidens pilosa*): Infecção da bexiga,pedra na vesícula,rins .Usada contra icterícia, antibiótico,cicatrizante, alergias, feridas e diabete.

Imagens

<https://hortodidatico.ufsc.br/files/2020/01/jpg>

Dente de leão



(arquivo próprio)

Dente de - Leão: (*taraxacum officinalis*): Diabetes, afecções hepáticas e biliares, Depurativo, diurético, e colesterol.

Mastruço, mentruz Plantas espontâneas:

Mastruço, mentruz: (*Epifi Um sativum*): Contusões, reumatismo, tosse, expectorante e bronquite.



Radiche: Hormônio natural, essa planta é indicada para as pessoas na fase da menopausa.



Receita com PANCS (plantas alimentícias não convencionais)



(arquivo próprio)

Salada mista de dente de leão, com mentruz e tomate:

02 Pés médio de planta dente de leão

01 Tomate

01 Prato ou recipiente

Mentruz a gosto

Observação (Sal e outros temperos como opção)

Modo de preparo

Após colher as plantas lavar bem as folhas em água limpa

Não precisa usar facas, com as mãos divide ao meio as folhas do dente -de leão, segue fazendo do mesmo modo com as folhas do mentruz.

com uma faca corta a gosto o tomate, e em seguida vai montando no prato a sua salada.

Sugestão:

Como a salada é mista fica a gosto os ingredientes que sugerir para acompanhar as folhas do dente- de - leão.